

# letra

o jornal do alfabetizador



MALA DIRETA  
POSTAL  
7380786905 DR-MG  
CEALE/UFMG



ISSN 1808-0650  
9 771808 065041



Belo Horizonte, outubro/novembro de 2009 - Ano 5 - nº20

Entrevista com  
Rosa Maria Bueno Fischer

# 12 Produção cultural para crianças

## 10 Ao ar livre

O pátio da escola também é  
lugar de aprendizagem

## Diferentes formas de avaliar 6

Para além da prova

# Avaliação e novos repertórios na vida escolar



ZÉLIA VERSIANI E ISABEL CRISTINA FRADE - professoras da Faculdade de Educação da UFMG, pesquisadoras do Ceale e editoras pedagógicas do *Letra A*

Chegamos a mais um fim de ano letivo, época em que as questões de avaliação - processo contínuo e constitutivo da vida escolar - parecem ser mais cruciais. Para contribuir com a reflexão sobre os instrumentos de avaliação e sua validade, este *Letra A* elegeu o tema como sua reportagem de destaque. Saber por que e em que condições avaliar os alunos deve entrar na pauta de todos os dias da vida escolar. Incorporar à rotina as muitas formas de avaliar desfaz aquela ideia de que a avaliação é esporádica e punitiva. Essa é uma das recomendações de especialistas da educação. A compreensão dessa concepção mais ampla e processual da avaliação não se restringe aos profissionais da educação. É necessário que também os pais reconheçam suas funções, entre as quais a de apontar um diagnóstico a respeito do ponto em que seus filhos se encontram. Assim, os professores, com o apoio da família, podem verificar o que precisa ser feito para que seus alunos avancem no aprendizado escolar.

Uma outra dimensão da avaliação diz respeito à nossa capacidade, como professores, de incorporar o novo às práticas escolares. Trata-se, assim, de uma autoavaliação do trabalho pedagógico para uma redefinição de estratégias, tendo em vista as mudanças que acontecem no cotidiano dos estudantes. A entrevista deste *Letra A* focaliza a produção cultural para a criança nos dias atuais. A TV e a internet ocupam, hoje, um lugar especial na vida dos alunos e essa posição de destaque não pode ser negligenciada pela escola. Crianças e jovens estão em contato, fora da escola, com produções de vários tipos – nem sempre de qualidade –, como afirma Rosa Bueno Fisher, nossa entrevistada neste número. Longe de proibir ou censurar programas e produtos, sugere-se que o melhor é ampliar, diversificando, o repertório oferecido aos alunos. Como diria Anne-Marie Chartier: vale a pena mostrar que existem muitos gostos apetitosos para além da mesmice do gosto "Mac-Do".

Não é tentando controlar o acesso aos produtos culturais e a temas considerados difíceis, de antemão, que a escola e os pais vão estabelecer boa interlocução com crianças e jovens em constante interação com novas ofertas culturais. Adultos de referência na vida das crianças, pais e professores, podem proporcionar oportunidades para que elas conheçam produções fora do circuito estritamente comercial, e assim comparem linguagens e propostas de diferentes mídias, mas é preciso mais que isso. No papel de educadores, esses adultos devem mergulhar no universo da infância contemporânea para reaprender com as crianças a "liberdade para dizer as coisas", para voltar a ter a "curiosidade no olhar" e alimentar "desejos de descobrir o mundo", como ressalta nossa entrevistada neste número. Talvez por dialogar com as disposições e modos de ver o mundo das crianças é que produções de qualidade tanto agradam a elas, exercendo sua magia, ainda, sobre grupos de outras idades.

Algumas produções, como os quadrinhos, por exemplo, já foram alvo de preconceito de educadores e mesmo de alguns estudos, conforme discussão proposta em nossa seção Livro na Roda, mas como produtos culturais eles "seduzem todas as gerações, filhos, pais e avós." Precisamos compreender, então, que elementos do imaginário social são mobilizados nessas histórias e porque há tanta identificação com elas. Isso vale também para outros produtos culturais e, na escola, as preferências e os gostos também podem ser pesquisados e discutidos, sempre no intuito de uma ampliação cultural.

A questão que nos fica, então, é a da multiplicidade das influências culturais: da família para a escola, da escola para a mídia, da mídia para a família... Detectar os pontos de conexão entre as esferas de produção cultural, operando com a ampliação dos saberes é um dos nossos desafios atuais.

Convictos de que as matérias propostas nesta edição contribuem para essas e outras reflexões, entregamos a nossos leitores mais um *Letra A*.

## CEALE 20 ANOS

Em 2010 o Ceale completa 20 anos. Para comemorar, estamos preparando uma série de atividades e eventos especiais. Todas as novidades estarão disponíveis, em breve, no Portal Educativo Ceale: [www.ceale.fae.ufmg.br](http://www.ceale.fae.ufmg.br). Aguarde!

## COLABORE COM O LETRA A

Envie suas críticas e comentários à equipe do jornal. Sugestões de temas para as matérias e de projetos interessantes na alfabetização também são bem-vindas. Escreva para [letra.a@fae.ufmg.br](mailto:letra.a@fae.ufmg.br) ou Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita – Faculdade de Educação da UFMG – Avenida Antônio Carlos, 6627, Campus Pampulha, Belo Horizonte - MG, CEP: 31270-901. A sua colaboração é muito importante para o *Letra A*. Participe!

## EXPEDIENTE

Reitor da UFMG: Ronaldo Tadêu Pena | Vice-reitora da UFMG: Heloisa Maria Murgel Starling | Pró-reitora de Extensão: Ângela Imaculada Loureiro de Freitas Dalben | Pró-reitora adjunta de Extensão: Paula Cambraia de Mendonça Vianna

Diretora da FaE: Antônia Vitória Soares Aranha | Vice-diretor da FaE: Orlando Gomes de Aguiar Junior | Diretora do Ceale: Francisca Izabel Pereira Maciel | Vice-diretora do Ceale: Maria Lúcia Castanheira

Editoras Pedagógicas: Zélia Versiani e Isabel Frade | Editora de Jornalismo: Fernanda Santos (13409/MG) | Projeto Gráfico: Marco Severo | Diagramação: Aurelizia Lemos e Cristiano Magalhães | Reportagem: Aline Diniz, Ana Flávia de Oliveira, Juliana Afonso e Juliano Ferreira.

Revisão: Heliana Maria Brina Brandão

O Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita (Ceale) é um órgão complementar da Faculdade de Educação (FaE) da Universidade Federal de Minas Gerais. Av. Antônio Carlos, 6627 - Campus Pampulha - CEP 31.270-901 Belo Horizonte - MG Telefones (31) 3409 6211/ 3409 5334 Fax: (31) 3409 5335 - [www.ceale.fae.ufmg.br](http://www.ceale.fae.ufmg.br)



# O professor deve sempre propor aos alunos o dever de casa?



Foto: Arquivo pessoal



MARIA EULINA P. DE CARVALHO - Professora da Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

É preciso examinar os pressupostos contidos na pergunta: por que a professora deve passar dever de casa? A que objetivos pedagógicos ele atende? O lar é um lugar onde o currículo escolar deve ser desenvolvido? Esse currículo encerra um conhecimento valioso ou superior e, por isso, deve ser incrementado em casa? As respostas a essas questões podem ser várias, sobretudo na perspectiva das diversas famílias.

São muitas as razões e objetivos do dever de casa: estender o tempo/espaço do aprendizado escolar; desenvolver o *habitus* (disposição/disciplina) de estudante; ocupar produtivamente as crianças em casa.

Mas, para que esses objetivos sejam atendidos, é preciso dispor de condições familiares básicas: materiais (espaço, equipamentos, recursos) e culturais (valorização do currículo escolar). Algumas professoras não planejam o dever de casa de forma que a criança possa fazê-lo sozinha, construindo, assim, sua autonomia intelectual; não estimulam a curiosidade e gosto pelo conhecimento; esperam que as famílias, particularmente as mães, acompanhem, incentivem, eventualmente ensinem, enfim, garantam a realização do dever de casa. Frequentemente, esse dever integra o modelo pedagógico de massa, baseado na cópia e repetição – há aulas que começam pela correção do dever de casa, prosseguem com a apresentação de novos conteúdos e findam com prescrição de dever de casa –, ou seja, não costuma ser individualizado (para ajudar nas dificuldades) ou diversificado (propiciando escolha pelo aluno) e deixa de aproveitar um recurso interessante que toda criança tem em casa: a televisão. Quando vale nota, avalia a família e discrimina, negativamente, os alunos que não têm o apoio familiar.

Portanto, a resposta à pergunta é: depende. Para ser uma prática exitosa e pedagogicamente efetiva, depende do "contrato" de parceria escola-família, da adesão da família e das condições domésticas, do modelo pedagógico adotado pela escola e das necessidades e características individuais de seus alunos e alunas.



Foto: Arquivo pessoal



TÂNIA F. RESENDE - Professora da FaE/UFMG, pesquisadora do Observatório Sociológico Família-Escola e do grupo TEIA (Territórios, Educação Integral e Cidadania).

Mesmo com a identificação, em testes padronizados, de correlações positivas entre a realização de "tarefas de casa" e o desempenho escolar, é difícil estabelecer uma relação causal entre as duas coisas.

O que é, sem dúvida, imprescindível para a aprendizagem – e que, portanto, cabe ao professor assegurar – é a vivência de momentos significativos de interação qualificada entre o sujeito e o objeto de conhecimento. Tanto o "dever de casa" quanto os tempos de aula devem ser avaliados com base nesse propósito.

Nesse sentido, é importante pensar o "dever de casa" não como uma obrigação do aluno a ser assegurada, uma tradição a ser cumprida, mas como um tempo de trabalho extra-aula que pode ampliar o tempo letivo e potencializar as condições de aprendizagem. Para isso, é importante que a proposta seja elaborada de modo criterioso, levando em conta as condições de sua realização e explicitando seus objetivos para todos os envolvidos.

Qual o sentido de prescrever, na Educação Infantil, deveres de casa diários para crianças de cinco anos? É justificada a prescrição de deveres de casa para alunos que frequentam a escola em tempo integral – isto é, em torno de oito horas por dia? Quais os custos e quais os benefícios da realização de deveres de casa por crianças que não têm, no ambiente familiar, condições adequadas – tanto em termos de estrutura e recursos materiais quanto de acompanhamento satisfatório? Qual é o ganho de um dever de casa que, depois de feito pelos alunos, não é retomado pelo professor em sala de aula?

Essas são apenas algumas dentre as muitas perguntas possíveis com o objetivo, de demonstrar, aqui, a diversidade de contextos que podem envolver a prescrição e o cumprimento dos deveres de casa. Diante disso, a prescrição ou não de trabalhos e atividades extra-aula, sua frequência e suas características, não podem ser objetos de "receitas" simplistas, mas devem ser discutidas e planejadas sistematicamente, no âmbito do planejamento mais global do processo pedagógico.

## DICTIONÁRIO DA ALFABETIZAÇÃO

# Fluência de leitura

No domínio dos conhecimentos sobre linguagens e línguas, a palavra fluência dá a ideia de facilidade e de deslizamento. No caso da leitura, o que é preciso para se ter fluência? Diversas condições são importantes para que alguém possa ler de modo fluente. Do lado do leitor, é fundamental que ele desenvolva uma série de habilidades, que vão desde o reconhecimento das letras (em nosso caso, do alfabeto) até o reconhecimento de discursos e do entrecruzamento de unidades maiores dos textos. Para muitos pesquisadores, o reconhecimento das letras nem é o primeiro passo, pois, bem antes disso, as pessoas (crianças ou não) devem identificar a função dos textos, seus suportes e sua importância em dada cultura. Leitores

capazes de ler fluentemente reconhecem letras, palavras, frases, textos; localizam informações menos, ou mais, explícitas; fazem inferências de alcances e níveis de complexidade variados, além de outras tantas habilidades. Do lado do texto, algumas operações podem ajudar a construir uma trilha de leitura mais suave para o leitor. Há pesquisadores que empregam o termo "legibilidade" para se referir às características do texto que o tornam mais, ou menos, passível de uma leitura fluente. Muitos textos atravancam o caminho até de leitores experientes. Há textos que são lisos, polidos e deslizantes. E isso não diz respeito apenas à construção de frases, à padronização ortográfica ou ao tamanho dos períodos escritos, mas

também à qualidade gráfica do texto, ao tamanho da fonte, à interferência de cores, fundos e plataformas de leitura (como livro, tela de computador ou de telefone celular). De toda forma, os dois lados dessa moeda não devem ser tratados separadamente. Os textos variam infinitamente, assim como as práticas de leitura. Leitor e texto (além de autor, editores, revisores etc.) estão sempre se movendo. Quando há fluência, é porque se movem na direção um do outro. A formação de leitores fluentes passa por propiciar-lhes experiências diversificadas com a linguagem, inclusive para que possam perceber quando falta fluência e que trilhas podem ser tomadas para tornar um texto mais legível.



ANA ELISA RIBEIRO - Doutora em Linguística Aplicada pela UFMG e professora do CEFETMG



## Minha casa, nossa casa

**Projeto de alfabetização tem como atividade central a visita a casa de alunos**

(JULIANA AFONSO)

Sexta-feira é dia: dia dos alunos da 2ª série da Escola Municipal Doutor Martin Paulucci, em Barbacena (MG), se reunirem para visitar a casa de um dos colegas. Assim começa o projeto Minha Escola... Minha Vida, desenvolvido pela professora alfabetizadora, Eliane Rocha. "A ideia é ir à casa do aluno e conhecer a história dele para que toda a sua alfabetização seja feita em cima da sua realidade", diz a professora, inspirada por Paulo Freire.

Segundo ela, cada momento traz um tipo de aprendizado. Os estudantes conhecem a família e a casa dos colegas, seu quarto, seu brinquedo favorito, seu animal de estimação. Durante a visita, os alunos desenvolvem a oralidade. "Quando a gente chega é o aluno que mora lá que nos apresenta tudo, que fala porque gosta daquele brinquedo, daquele animal etc. E as outras crianças fazem várias perguntas", conta.

Depois, é oferecido à mãe da criança, dona da casa, um "saco de leitura" com livros para que ela escolha um e o leia para toda a turma. Com a contação de histórias feita pelas mães os alunos são estimulados a ler. A professora Eliane Rocha afirma que nem só os alunos saem ganhando: "são mães que há anos não pegavam num livro, então,

resgatamos esse prazer de ler e de contar história nelas também".

Na sala de aula, durante a semana, os alunos produzem textos e realizam atividades baseadas na visita. Uma delas é a construção de um mapa do caminho da escola até a casa daquele colega.

O projeto ganhou reconhecimento internacional quando revistas eletrônicas de Angola e Guiné Bissau, na África, divulgaram o trabalho de Eliane. Hoje, o Minha Escola... Minha Vida é desenvolvido também em escolas desses países. "É muito legal ver que eles estão buscando o mesmo caminho: ensinar com praticidade, sem gastar dinheiro. Eu não gasto nada e os meninos realmente aprendem a partir do que estão sentindo", avalia.

Inicialmente o projeto foi desenvolvido na E. M. José Benedito Câmara, uma escola rural de Palmital, distrito de Barbacena, atendendo a 18 alunos na faixa dos seis anos. Ao final do ano letivo, 90% das crianças estavam alfabetizadas. Na E. M. Doutor Martin Paulucci, além de Eliane, o trabalho é realizado pela professora Márcia Barbosa, mobilizando mais de 45 alunos das séries iniciais.

## Palavras em todo canto

**Projeto relaciona alfabetização**

**ao cotidiano** (JULIANO FERREIRA)

Facilitar a alfabetização da criança por meio de elementos presentes em seu dia a dia é o objetivo de um projeto proposto pela professora Adiléa Generoso, da Escola Estadual Luíza de Marillac, no Serro (MG). Com o projeto denominado A escrita na vida cotidiana, criado por ela em 2006, a educadora mostra aos seus alunos do 1º ano do ensino fundamental como a prática da leitura e escrita está ligada a produtos, alimentos e medicamentos usados por eles todos os dias, como sabonete e creme dental. "Basicamente, o projeto consiste em trabalhar a alfabetização a partir das letras e palavras presentes nas embalagens que esses alunos trazem de casa e criar uma contextualização", explica.

Segundo Adiléa, a ideia para o projeto surgiu quando ela participou do curso Veredas (promovido pela UFMG para formação superior de professores de 1ª a 4ª séries do ensino fundamental da rede pública). "Eu me guiei por um eixo fundamental proposto pela Secretaria de Educação do Estado de Minas Gerais, denominado 'apropriação dos sistemas de escrita'. Sua premissa é a de que a criança deve dominar o alfabeto por inteiro, saber colocar as letras em ordem alfabética", explica.

A professora conta que, em um primeiro momento, pediu a seus alunos que observassem palavras que encontrassem no trajeto de suas casas até a escola, como açougue, padaria

e farmácia. Depois, começou a destacar, nas aulas, a letra inicial dos nomes dos produtos que eles levavam para a escola. "A primeira letra que eles fixaram foi o B, pois o item mais comum em suas casas era Bombril". Posteriormente, Adiléa pediu à classe que observasse, no mesmo trajeto de casa à escola, palavras que começavam com a letra B, para diferenciá-la das demais. A mesma proposta foi usada para o ensino das outras letras do alfabeto. Além de levar os alunos a conhecerem as letras, a educadora também trabalhava a diferença entre vogais e consoantes.

Após o estudo completo do alfabeto, a professora pediu aos alunos que categorizassem as embalagens por alimentos, higiene, limpeza e remédios, para que as crianças construíssem uma noção da utilidade de cada produto. Para finalizar, montou um miniarmazém com todas as embalagens, e forneceu uma tabela de preços, notas e moedas fictícias, a fim de simular situações de compra e venda com os alunos, instruindo-os a lidar com o sistema monetário. Ela conta que o trabalho se tornou multidisciplinar. "Relacionamos a matemática com o uso do armazém. Em ciências, conversamos sobre os produtos de higiene e sua importância para a saúde. Em geografia, sobre a localização das farmácias, das indústrias etc. E, em português, trabalhamos com as letras e as palavras", conclui.

## Espaço vivo da leitura

**Projeto desenvolve ações para levar o público à biblioteca escolar** (ANA FLÁVIA DE OLIVEIRA)

Durante dois anos, a Escola Municipal Presidente Nilo Peçanha, em Novo Hamburgo (RS), ficou sem sua biblioteca, por faltar espaço físico. Quando foi reaberta, era preciso reconquistar o público leitor. Foi assim que nasceu, criado pela professora Karlete Behrend, em 2007, o projeto Biblioteca Escolar: embarque na magia da leitura você também. A ideia era desenvolver ações que envolvessem não só os alunos da escola, mas também a comunidade, já que a biblioteca era aberta. "Esse espaço é importante porque é o lugar da leitura prazerosa, sem cobranças depois", diz.

O acervo era organizado de forma visualmente atraente para os alunos. Havia, por exemplo, a Mala dos Contos de Fadas, um baú decorado onde se encontravam obras desse gênero. Ao devolver um livro, alguns alunos eram sorteados para fazer o *marketing* da obra lida. "Eles tinham a missão de fazer propaganda e de convencer os colegas de que aquele livro era interessante", conta Karlete Behrend. Outra ação, a Hora do Conto, era realizada uma vez por semana na biblioteca e, de acordo com a professora, era especialmente querida pelos alunos do 1º ao 3º ano do ensino fundamental. "Eles tinham grandes expectativas para a Hora do Conto. E era muito comum pedirem o livro da história que tinha sido relatada." Durante o recreio, a escola também passou a disponibilizar diversos materiais para a leitura e a educadora observou que muitos alunos optavam por ler em vez de brincar.

O projeto também procurou envolver a comunidade. Os pais dos alunos organizaram, voluntariamente, o acervo, confeccionando material pedagógico para a Hora do Conto e participando de uma oficina de restauração de livros. Além disso, eles participaram da Feira do Livro, promovida pela escola.

Aliadas à Feira, outras atividades foram realizadas. Uma delas, Encontro com Autor Presente, promovia a visita de escritores. Karlete Behrend conta que, durante o ano, eram trabalhadas as obras dos autores que estariam no evento para que os alunos ficassem familiarizados com o estilo de cada escritor. "Além disso, era desfeito aquele rótulo de que o escritor é alguém distante", diz. Outra ação, o Cofre do Livro, foi criada para que os alunos pudessem comprar obras na Feira. Eles eram incentivados a guardar dinheiro ao longo do ano e abriam o cofre somente na ocasião do evento. "Eles se sentiam independentes, porque compravam o livro com o dinheiro que eles próprios economizaram", conta.

Segundo Karlete Behrend, terminado o projeto, em dezembro de 2008, os alunos se tornaram mais participativos e críticos. "Antes, eles retiravam os livros por retirar, meio ao acaso. Depois eles ficaram bem seletivos", diz. Ela ressalta também uma particularidade: "Ocorreu um processo inverso. Geralmente são os adultos, a família e a escola que estimulam as crianças à leitura. No nosso caso, os alunos estimularam os adultos, trazendo-os para a biblioteca".

# Mais que travessura

A agitação faz parte da natureza das crianças, mas o excesso ou a falta de "energia" pode ser um problema de saúde

(JULIANO FERREIRA)

É quase uma regra: na maioria das salas de aula há, ao menos, um aluno que não para quieto na carteira, vive correndo e gritando mais que os outros pelos corredores da escola. Ou, então, aquelas crianças que vivem no "mundo da lua" e não conseguem prestar atenção ao que o professor explica. Esses comportamentos podem ser sintomas do Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), um distúrbio neurológico e hereditário que altera algumas funções do cérebro, especialmente as relacionadas com a atenção e a impulsividade.

Esses sintomas tornam-se mais evidentes no início da fase escolar e, justamente por isso, deixam pais e professores em dúvida. Afinal, como apontar se a criança tem um transtorno ou se seu comportamento é comum à sua idade?

Para a psicóloga Vânia de Moraes, especialista em TDAH, a palavra final deve ser sempre de um médico neurologista ou psiquiatra especializado. O professor pode e deve contribuir para a identificação de um possível problema, porém precisa ter o cuidado de não tecer qualquer diagnóstico. "A conduta do professor deve ser alertar os pais ou a coordenação da escola que tem algo acontecendo com aquela criança, e não diagnosticar", ressalta a psicóloga.

## Contribuição do professor

O ambiente escolar pode ser um aliado, se aproveitado de modo correto. Uma alternativa é comparar, a longo prazo, o comportamento em classe dos alunos de mesma faixa etária e sob influência das mesmas condições e, a partir daí, observar se há algo de incomum nas ações de alguns deles. "As crianças com TDAH não conseguem ficar quietas, acompanhar o ritmo da turma. Às vezes não entendem qual é a atividade proposta. Outros já ficam inertes, como se não estivessem integrados com o que está sendo falado", explica a professora Silvana Galvão. Durante 13 anos, ela deu aulas na Escola Estadual Pandiá Calógeras, em Belo Horizonte (MG), e lidou com diversas crianças que sofriam do transtorno. A professora afirma ainda que outra forma de detectar o problema é pelo desempenho escolar do aluno. "As notas dessas crianças são, frequentemente, piores que a dos demais alunos. Elas precisam de acompanhamento individual, nós temos que conversar com elas em particular constantemente."

No entanto, desempenho escolar ruim ou comportamento inadequado em classe não devem ser creditados unicamente ao TDAH. Vânia de Moraes afirma que esses enganos ocorrem devido à dificuldade de discernir uma criança que é simplesmente "levada" ou que está enfrentando uma fase difícil, de uma hiperativa ou com déficit de atenção. "Uma crise em casa, pais que brigam com frequência, alguma dificuldade na escola, tudo isso contribui para que a criança reaja com um comportamento desatento ou hiperativo", explica. A psicóloga ressalta, ainda, a importância de saber distinguir um quadro consistente, que vem se apresentando ao longo da vida da criança, de uma reação a uma circunstância passageira. A pesquisadora do Ceale, Maria de Fátima Gomes, partilha de opinião semelhante: "Não se pode generalizar. Taxar como TDAH qualquer comportamento diferente das crianças é um erro". E completa: "Mesmo que a criança apresente uma conduta próxima do que é considerado TDAH, deve-se tomar cuidado em não transformar a diferença em deficiência", alerta.

## Assistência

Há, no Brasil, ações voltadas para capacitação de professores com o objetivo de prepará-los para lidarem de maneira adequada com crianças que sofrem de TDAH. É o caso da Associação Brasileira do Déficit de Atenção (ABDA). De acordo com o médico Sérgio Borboun, membro do conselho científico da ABDA, "a função básica da Associação é divulgar o transtorno, capacitar e formar profissionais". Para isso, a instituição realiza congressos para profissionais da educação, psicólogos e médicos.

Para o Ministério da Educação (MEC), o problema do TDAH está circunscrito à educação básica, já que os estudantes que sofrem com o transtorno não necessitam de recursos de acessibilidade. "A política da Secretaria de Educação Especial considera que alunos com TDAH devem ser tratados de forma articulada com a educação básica. Eles não necessitam de um atendimento educacional específico", diz a coordenadora geral da Política Pedagógica da Educação Especial do MEC, Sinara Zardo. Segundo ela, os cursos de formação de professores voltados para a educação básica já contemplam os alunos com o transtorno, graças às suas práticas educacionais inclusivas.

## TRATAMENTO

O Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade

não tem cura, mas existe tratamento para diminuir os sintomas. De acordo com a neurologista infantil Thelma Ribeiro, ele se baseia em uso de remédio aliado à terapia psicológica. A terapia utilizada com os pacientes é composta por estratégias que os ajudam a desenvolver habilidades de organização, de manutenção da atenção em diferentes ambientes e de contenção da impulsividade.

A psicóloga Vânia de Moraes explica que as pessoas afetadas pela doença possuem "um tipo de configuração do cérebro distinta" e, por isso, "sempre serão diferentes das demais". Ela ressalta ainda que crianças que não são adequadamente diagnosticadas ou tratadas podem, posteriormente, desenvolver quadros psiquiátricos graves, como baixa auto-estima, agressividade descontrolada, ansiedade e até depressão. "O uso do medicamento e das estratégias terapêuticas é essencial na vida desses pacientes e deve ser feito de forma contínua, sempre com acompanhamento médico."





# Avaliar para ensinar

Mais do que medir o desempenho dos alunos, os instrumentos de avaliação são ferramentas que contribuem para a aprendizagem das crianças (ALINE DINIZ)

"O que não gosto muito na escola é de fazer prova. Fico nervosa e até choro." Esse relato é da estudante Amanda Lima, de oito anos, que cursa o terceiro ano do ensino fundamental na Escola Municipal do Bairro Petrovale, em Ibirité (MG). Assim como vários estudantes, ela enfrenta dificuldades na hora de fazer exercícios que valem ponto.

Segundo o psicólogo Jairo Stacanelli, reações como as de Amanda são comuns diante de situações de perigo. "É difícil para crianças, entre três e oito anos de idade, distinguir situações de risco real de outras em que estão apenas sendo testadas", explica. Dessa forma, se o estudante encara a avaliação como uma ameaça, ele pode apresentar sintomas como nervosismo, palpitação, choro e suor excessivo. Para evitar esses problemas, o psicólogo sugere que os educadores utilizem a avaliação como mais uma etapa do processo de ensino-aprendizagem, e não como um momento de cobrança ou mesmo uma punição.

É isso o que a professora de Amanda, Elizabeth Sampaio, procura fazer. Ela diz que avalia seus alunos de forma diversificada: propõe pesquisas, jogos, analisa o comportamento e o capricho com o caderno. A prova é só mais uma maneira para acompanhar o desempenho de seus alunos. A professora conta ainda que conversa com as crianças no dia do teste para passar tranquilidade a elas. "Reforço a ideia de que eles são capazes e explico que tudo o que está na prova foi trabalhado anteriormente em sala de aula." O método funciona: "Depois que a professora fala comigo eu fico mais calma e consigo fazer a prova", diz Amanda.

### Várias maneiras de avaliar

Os instrumentos de avaliação são ferramentas de que o docente dispõe para diagnosticar o aprendizado dos alunos. "A partir deles, podem-se apurar as dificuldades individuais ou comuns à turma e orientar intervenções específicas", explica a pesquisadora e professora de psicologia da PUC-SP, Clarilza de Souza.

Para a pesquisadora do Ceale, Maria de Fátima Gomes, professora da UFMG, não há um modelo correto para verificar o desempenho dos alunos. Isso porque nenhuma técnica dá conta, sozinha, da complexidade do processo de ensino-aprendizagem. A pesquisadora aconselha que os professores utilizem métodos diversificados: "Ditados; perguntas durante as aulas; leitura de palavras, frases e textos; dever de casa; exercícios de fixação dos conteúdos; e elaboração de textos podem ser empregados para averiguar a apreensão individual dos conteúdos". Além disso, é fundamental que o educador desenvolva avaliações durante todo o processo e não apenas no final de cada unidade de ensino. Maria de Fátima Gomes ressalta que o primeiro passo deve ser conhecer a turma com a qual se está trabalhando, definir objetivos e observar as práticas culturais e sociais desses estudantes.

Outra boa maneira de avaliar é por meio de atividades em grupo. A elaboração de um texto, por exemplo, quando realizada em conjunto, pode suscitar discussões, por exemplo, acerca da ortografia de palavras que gerarem dúvidas. A atividade permite, ainda, que os estudantes exercitem e discutam a coerência, a coesão e a estrutura de um texto (início, meio e fim). A partir dessas reuniões em grupo, o docente pode propor uma produção individual para avaliar e potencializar a apreensão do aluno sobre determinado conteúdo. Nesse momento, as crianças têm a oportunidade de reelaborar, individualmente, o que aprenderam junto com os colegas.

A pesquisadora alerta, contudo, que o trabalho coletivo é um processo de construção: "Nas primeiras vezes os alunos sentem dificuldade de atuar em grupo, fazem muito barulho. Mas, depois as discussões com os colegas e com o professor se tornam ricas." A atividade permite que os estudantes aprendam a respeitar a opinião dos colegas e aprimorem suas habilidades de discussão e argumentação, o que resulta na execução de textos mais complexos e bem elaborados.

### Ferramenta de aprendizado

Mesmo com os vários métodos de avaliação disponíveis, a prova ainda é o mais utilizado pelas escolas. E o mais temido pela maioria dos estudantes. A professora Ronilce de Andrade, da Escola Estadual de Ensino Fundamental Dona Maria Santana, de Cachoeiro de Itapemirim (ES), diz que "algumas crianças bloqueiam totalmente o aprendizado quando a palavra prova aparece". Ela conta que, para reduzir o nervosismo e a ansiedade dos alunos, conversa com os estudantes, diz que eles são capazes de realizar aquela atividade e explica que o teste é parecido com os exercícios feitos em sala de aula. Outra técnica usada pela professora para acalmar as crianças é colocar uma música suave antes da avaliação.

O psicólogo Jairo Stacanelli considera que, para minimizar os problemas causados pelas provas, é preciso uma mudança cultural acerca do objetivo e utilização desse método de avaliação. Para ele, muitos educadores ainda não percebem a prova como mais uma oportunidade de aprendizado, o que gera uma visão distorcida de que ela é uma estratégia de coerção. "Quando uma atividade avaliativa é considerada um castigo, o aluno fica nervoso e acaba não demonstrando seu conhecimento acerca do conteúdo proposto," afirma. Segundo a pesquisadora Clarilza de Souza, a prova não deve ser um instrumento para impor a autoridade do professor: "Usá-la como elemento punitivo só faz com que o aluno não se valorize e, conseqüentemente, não dê valor ao educador".

O medo de errar é, na opinião da pesquisadora Maria de Fátima Gomes, a principal causa do temor dos alunos frente à prova. Para lidar com a questão, é preciso que o professor faça com que os estudantes compreendam que o que vai ser levado em consideração não é o desempenho deles em um exercício específico e sim o seu desenvolvimento global. Ela ressalta que é preciso valorizar, primeiro, o que as crianças já sabem e, a partir daí, pensar em uma maneira de ajudá-las a avançar nos conteúdos que ainda não dominam.

Outro ponto importante e que merece atenção especial por parte dos professores é a elaboração da prova. De acordo com Clarilza de Souza, o docente não pode "inventar questões aleatoriamente", ele deve exigir apenas o que foi discutido em classe e da mesma maneira como foi ensinado. "Se o professor de história foca suas aulas em datas, ele não pode pedir, no teste, que os alunos analisem fatos históricos", exemplifica a pesquisadora.

Jairo Stacanelli pondera que o mais importante é o docente preparar os estudantes, informando a eles, previamente, o conteúdo que constará na prova. O psicólogo considera que a avaliação deve ser pensada como uma construção que se inicia no primeiro dia de aula. Esse processo não deve levar em consideração apenas as opiniões dos professores, mas também a situação e o desenvolvimento das crianças. O educador, antes de elaborar a avaliação, deve considerar como foi o processo de ensino-aprendizagem da turma. Não é interessante, por exemplo, aplicar a mesma prova em classes diferentes, o ideal é elaborar uma atividade com base nas especificidades de cada sala.

Diferente do que muitos professores acreditam, não há problema em preparar os alunos com questões parecidas com as da prova, já que ela é apenas uma extensão do aprendizado. Dessa forma, fazer uma revisão da matéria com a turma dias antes do exame é interessante. "Saber como os conteúdos vão aparecer nas provas não desqualifica a capacidade do aluno, pelo contrário, deixa o estudante mais confiante, e menos nervoso", ressalta Jairo Stacanelli. Na concepção do psicólogo, ações como essa podem reduzir as reações biológicas de mal estar e melhorar o desempenho das crianças nas avaliações.

Entretanto, isso não significa que os alunos devam ser "treinados" para a prova, e sim que o objetivo da aula deve estar claro na cabeça dos estudantes. Assim, o educador, antes de ensinar, deve mostrar a eles a necessidade de se aprender aqueles conteúdos. Uma boa maneira de mostrar essa necessidade é relacioná-los ao cotidiano. "Quando os alunos conectam sala de aula com o dia a dia, eles apreendem melhor e, conseqüentemente, apresentam desempenho positivo nas atividades avaliativas", destaca Maria de Fátima Gomes.

Para a pesquisadora os estudantes devem saber os objetivos da prova, já que eles também fazem parte da sala de aula. A construção dessas metas deve se dar em uma relação amigável entre professores e alunos. "Com objetivos claros e trabalho em conjunto a prova deixa de ser uma punição para se transformar em um diagnóstico do aprendizado e um instrumento que possibilita o aprimoramento do trabalho docente", afirma.

### Notas e conceitos

No município de Ibirité, além das atividades que desenvolvem no dia a dia, os estudantes são examinados, também, por meio de provas mensais para cada etapa. Ao final, os alunos dos três primeiros anos do ensino fundamental recebem conceitos: A (quando a criança atinge os objetivos esperados sem grandes problemas); B (quando o estudante tem algumas dificuldades, mas passa pela etapa) e C (quando o aluno não atinge os objetivos esperados e precisa rever os conteúdos com o professor). Somente a partir do quarto ano é que são dadas notas. Na visão da professora Elizabeth Sampaio, o conceito é ideal, porque permite avaliar os alunos como um todo e não apenas somar as notas das provas e demais exercícios avaliativos.

De acordo com a diretora da E. M. do Bairro Petrovale, Shirley Pereira, o objetivo de todas as atividades avaliativas é perceber as dificuldades das crianças a fim de preparar intervenções que possam saná-las. Mas o que fazer quando um ou mais alunos não se saem bem nas avaliações?

### Trabalho conjunto

A responsabilidade pelo baixo aproveitamento em uma avaliação deve ser compartilhada pelo aluno e pelo profissional de educação, afirma a pesquisadora Clarilza de Souza. "Devemos mostrar para o docente que ele também é responsável por uma nota ruim. Isso deve ser feito não para que ele se sinta culpado, mas para que ele pense em maneiras de melhor contribuir para aprimorar o desempenho dos estudantes," defende a pesquisadora.

Os professores devem procurar diagnosticar o motivo pelo qual o aluno está apresentando um aproveitamento baixo. Muitas vezes os estudantes não apreendem os conteúdos porque possuem algum problema específico de aprendizagem ou porque estão passando por alguma dificuldade pessoal, como problemas familiares. Nesses casos, é papel do educador avaliar a necessidade de encaminhar essa criança para um médico ou psicólogo. Em algumas situações, porém, o próprio professor pode conversar com o aluno e propor maneiras de sanar essas dificuldades.

Clarilza de Souza recomenda que, depois de concluída a correção das atividades, os docentes sempre devem dar retorno para seus alunos para que eles possam identificar os erros e os acertos. "Se o aluno tem um aproveitamento menor que 60, guarda a prova e nunca mais reelabora o conteúdo do teste, há um erro no processo. O resultado final deve ser o aprendizado", pondera Clarilza de Souza. Ela explica que, quando a criança percebe que cometeu um erro de ortografia ao escrever com *x* uma palavra que é grafada com *ch*, por exemplo, ela aprende, naquele momento, a escrita correta do vocábulo. Portanto, mesmo que o aluno não tenha acertado algumas questões na prova, ele pode aprendê-las no momento em que percebe o engano.

Não é justo, então, que um estudante que não se saiu bem em uma prova, mas aprendeu depois o conteúdo e participou positivamente das aulas, fique com uma nota ou um conceito ruim. Por isso, é importante que os professores permitam que ele refaça a atividade. Para Maria de Fátima Gomes, quando os alunos fazem novamente um exercício, após a análise do professor, para corrigir seus erros, eles aprendem mais. Ela diz que o melhor é não atribuir nota na primeira produção: "No caso da escrita de um texto, por exemplo, o ideal é realizar intervenções e deixar que os estudantes refaçam a atividade para só depois pensar em uma nota".

Para garantir que os alunos compreendam bem os conteúdos, é preciso ainda que as instituições de ensino forneçam aos docentes infraestrutura adequada para sanar problemas diagnosticados nas atividades avaliativas. Essas intervenções podem acontecer em momentos fora da classe, como: aulas paralelas, atividades extras, grupos de estudos, dentre outros. Essas práticas são muito importantes para evitar que o aluno seja aprovado com lacunas de aprendizado.

### Prova como preparação

É importante que as escolas ensinem aos alunos a lidar com momentos de avaliação, já que eles serão submetidos a vários testes durante a vida: vestibular, entrevista de emprego, concursos. Segundo Maria de Fátima Gomes, é papel das escolas reservar espaços na sala de aula para que os estudantes vivenciem situações como essas. "Eles têm que saber, desde pequenos, que as cobranças existem." Na opinião da pesquisadora, o importante é estruturar o processo de ensino-aprendizagem de maneira que os estudantes aprendam a pensar sobre o conteúdo e, conseqüentemente, consigam usá-lo em diversas situações.

Contudo, não basta que o educador proponha problemas que exijam habilidades como raciocínio lógico e interpretação de texto. Antes de qualquer coisa é preciso mostrar aos estudantes como lidar com atividades desse tipo e ensiná-los a desenvolver o raciocínio. Se as crianças aprendem desde pequenas a pensar diante das questões das provas, testes, como o vestibular, serão mais bem encarados no futuro.

O problema, segundo Maria de Fátima Gomes, é que muitos professores pensam que, se auxiliarem as crianças de forma constante, elas serão sempre dependentes e nunca conseguirão resolver desafios sem a ajuda de outra pessoa. Porém, a pesquisadora adverte: "Os alunos não vão aprender sozinhos. Num primeiro momento, todos nós precisamos de alguém para nos orientar". Assim que a criança desenvolve o raciocínio e consegue resolver questões que exigem pensamento lógico e interpretação, ela adquire autoconfiança e, conseqüentemente, autonomia. Uma vez que o docente transmitiu o conhecimento, ele precisa propor atividades com vistas a treinar e fixar a habilidade conquistada pelos alunos.

## »»» Momento de transição

Muitas crianças passam por dificuldades de adaptação ao saírem da educação infantil e ingressarem no ensino fundamental. Elas precisam se adaptar a uma nova rotina e se acostumar a regras como: horários fixos, organização da sala de aula (uma carteira atrás da outra) e exercícios avaliativos.

No ensino infantil, os alunos não experimentam muitas situações de testes e avaliações, por isso, o professor do ensino fundamental deve ter um cuidado especial quando o assunto é prova. Segundo a psicopedagoga Ana Maria Duarte, "a criança pequena não consegue diferenciar a prova de uma atividade comum". Para ela, o ideal é mostrar para o aluno que tudo o que ele faz na sala de aula é importante. Assim, é preciso que os educadores conversem com as crianças para que elas não percebam as atividades avaliativas como momentos de simples julgamento e teste. Se, desde pequenos, os estudantes perceberem a prova como mais uma etapa do aprendizado, eles vão se sentir mais confortáveis diante dos futuros desafios.



Para lidar com essas questões, Maria de Fátima aconselha que os alfabetizadores não abandonem o lúdico, presente nas atividades da educação infantil. "As crianças continuam crianças ao entrarem para o ensino fundamental e necessitam de espaço e tempo para brincar, correr, e usar a imaginação."

A supervisora pedagógica da Escola Municipal do Bairro Petrovale, Kátia Vieira, diz que lá as crianças do ensino fundamental não são avaliadas somente por meio de provas, mas em todas as atividades cotidianas, até mesmo nas situações de brincadeira. Para ela, "é dever do educador respeitar os limites e individualidades de cada aluno, com vistas a renovar constantemente sua maneira de ensinar".

## »» Instrumentos de avaliação e cotidiano

Aproximar os conteúdos ensinados em sala de aula das práticas socioculturais dos estudantes é uma boa pedida para aumentar o interesse dos alunos pelas aulas. Se essa prática for usada também na hora de avaliar os alunos, pode contribuir para que as crianças apresentem melhor desempenho nos testes. Nesse caso, o educador deve primeiro ministrar os conteúdos com base na realidade das crianças e depois elaborar os exercícios avaliativos.

Maria de Fátima Gomes aconselha que os professores dialoguem com os estudantes, com objetivo de conhecer melhor os alunos, saber quais os lugares que frequentam, como se divertem etc. A partir dessas informações, é possível aproximar mais a escola do dia a dia desses estudantes para estruturar o processo de ensino-aprendizagem. Crianças que se interessam por jogos de computador ou vídeo games, por exemplo, vão se sentir mais motivadas a interpretar e redigir textos acerca desses temas. Do mesmo modo, meninos e meninas que gostam de uma determinada banda musical ou programa de televisão, vão desenvolver com maior empenho exercícios e provas que mencionem esses elementos. Uma dica é dividir a sala em grupos de preferências e propor diferentes dinâmicas que verifiquem a aquisição de alguma habilidade, como leitura, redação e discussão.

Entretanto, segundo a pesquisadora, ainda há muito preconceito por parte de alguns professores. Nas periferias, onde os alunos geralmente escutam funk e hip hop, por exemplo, os educadores resistem em levar essas produções para a sala de aula. Ainda assim é possível romper essas fronteiras e usar, mesmo que com limites, algumas temáticas exploradas por essas músicas para trabalhar em classe. Um exemplo é propor que os alunos realizem uma pesquisa sobre a história do funk e redijam um texto sobre o assunto. Outra possibilidade é propor debates sobre a letra dessas músicas.

## »» Foco no resultado

Alguns pais, e até mesmo alguns professores, não entendem com clareza o sentido da nota. Para muitas pessoas, se a criança não obtiver uma nota alta em uma avaliação, significa que ela não aprendeu o conteúdo e que, por isso, precisa ser punida. A psicopedagoga Ana Maria Duarte esclarece, entretanto, que, em muitos casos, uma nota ruim não significa apenas falta de conhecimento, ela pode sinalizar também que há algo "fora do eixo" na vida do aluno. Por isso é de suma importância que os pais fiquem

atentos ao processo de ensino-aprendizagem e não levem em consideração apenas o boletim. O ideal é acompanhar também o caderno das crianças e conversar com elas a respeito do que acontece na escola.

Os alunos se sentem motivados quando percebem que seu esforço está sendo reconhecido. No entanto o psicólogo Jairo Stacanelli alerta que condicionar a oferta de um bem material a uma boa nota para uma criança que não se interessa pelos estudos, como uma espécie de "moeda de troca", não é aconselhável. Por outro lado, ele ressalta que "decisões punitivas tomadas no calor do momento não apresentam resultado". O psicólogo recomenda que os familiares façam com que os estudantes percebam o que fizeram de errado e que aprendam lidar com as consequências disso. Se uma criança não se preparou para a atividade avaliativa porque utilizou seu tempo livre assistindo TV, navegando na internet ou jogando vídeo game, por exemplo, os pais podem proibir o uso desses materiais nos momentos de estudo.

Os professores devem esclarecer aos pais o significado da nota de seus filhos. Para a pesquisadora Maria de Fátima Gomes, é preciso estreitar as relações entre escola e familiares "para que os pais entendam as práticas pedagógicas e percebam a nota como uma das possibilidades de diagnóstico do que ainda deve ser ensinado aos alunos".

### BOA PROVA

Não há um modelo correto de prova, mas para que a avaliação verifique de forma efetiva o aprendizado dos alunos, o professor deve estar atento a alguns aspectos na hora de elaborar o material:

- A prova deve contemplar apenas os conteúdos discutidos em sala.
- As questões devem ser abordadas de forma parecida com as atividades desenvolvidas em classe.
- O educador deve ter em mente quais os objetivos daquele exercício, quais as habilidades que as crianças necessitam ter para resolvê-los e como trabalhar a partir dos resultados da prova.
- As questões devem ser diversificadas a fim de investigar diferentes capacidades dos alunos.
- É importante que as avaliações abordem aspectos como: interpretação, ortografia e raciocínio lógico.
- O enunciado das questões precisa ser claro e objetivo. Não é aconselhável que o estudante que sabe o conteúdo não responda a uma pergunta porque não entendeu a proposta.
- O tamanho da prova e o nível de complexidade das questões devem ser coerentes com o tempo que as crianças terão para respondê-las.

### A AVALIAÇÃO E SUAS FUNÇÕES

As avaliações desempenham diferentes funções, que auxiliam os profissionais da educação a planejar o quê, quando e como ensinar e que devem estar de maneira articulada para que o resultado realmente ajude no processo de ensino-aprendizado.

**Função diagnóstica:** avalia o conhecimento prévio do aluno, o grau de construção do conhecimento, a representação que o aluno tem do seu aprender.

**Função formativa:** tem como objetivo captar o pensamento do aluno. Por meio dela é possível regular o processo de ensino e provocar no estudante a auto-regulação da aprendizagem.

**Função somativa:** realiza o balanço geral e deve ser expressa em pontos, relatórios etc. Possibilita a interpretação dos resultados com vistas a tomada de decisões pedagógicas.

# Além das salas de aula

Assim como os espaços formais, os pátios escolares são importantes locais de aprendizado

(ANA FLÁVIA DE OLIVEIRA)

O pátio é o lugar da escola mais explorado pelos alunos. Segundo a psicóloga Odara de Sá Fernandes, com o crescimento das cidades, a violência urbana e o adensamento do tráfego de veículos, a importância desse espaço é cada vez maior. Ela é autora da dissertação de mestrado *Crianças no pátio escolar: a utilização dos espaços e o comportamento infantil no recreio*, pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. "As crianças têm cada vez menos lugares para desenvolver suas atividades lúdicas. Nos pátios elas podem brincar, socializar-se e interagir com a natureza", diz. Mais do que isso, nessas áreas podem ser desenvolvidas diversas atividades de aprendizado, como leitura ao ar livre e atividades psicomotoras, que têm o objetivo principal de incentivar a prática do movimento em todas as etapas na vida da criança.

Porém, mesmo com sua importância para o desenvolvimento dos estudantes, os pátios muitas vezes são vistos apenas como um lugar para as crianças ficarem quando não estão nas salas de aula. De acordo com Odara de Sá, essa visão limitada vem mudando, mas ainda é preciso muito estudo nessa área.

Para a professora Simone Rechia, do departamento de educação física da Universidade Federal do Paraná (UFPR), as escolas estão reduzindo, cada vez mais, seus espaços naturais a fim de absorver maior número de alunos. "Outro motivo é que muitos professores consideram que crianças enclausuradas ficam mais passivas e fáceis de serem controladas, evitando acidentes, sujeira e excesso de energia", diz.

## Mais que um enfeite

Presente no pátio, a vegetação não tem papel apenas decorativo. "A área verde deveria se constituir como um espaço de aprendizagem tanto quanto os outros locais da escola", defende Simone Rechia. De acordo com a professora, que coordena o Grupo de Estudos e Pesquisas em Lazer, Espaço e Cidade da UFPR, os ambientes naturais e áreas livres da escola possibilitam experiências significativas nas fases de desenvolvimento infantil. "As crianças descobrem seu lugar no mundo, exploram o ambiente, percebem seu corpo e sua relação com a natureza". Essa convivência também permite que os pequenos se apropriem do espaço escolar, fortaleçam os laços de amizade com os colegas e percebam o sentido e o valor da liberdade com responsabilidade.

Por outro lado, a falta de áreas verdes nas escolas pode distanciar as crianças da natureza. "Nesse caso, os alunos compreendem o conceito de meio ambiente de modo fragmentado, ou seja, eles não se veem como parte dele", explica a professora de educação física da UFPR, Aline Tschoke.

## Plantando aprendizado

Utilizar as áreas verdes como espaços didático-pedagógicos e interdisciplinares é a ideia do projeto Horta Escolar, desenvolvido pelo Centro de Ciências Agrárias da Universidade Federal de São Carlos, em Araras (SP). Crianças de até 10 anos de idade, junto com a equipe do projeto, constroem canteiros para o cultivo de hortaliças e outras plantas. Segundo o agrônomo Carlos Augusto Filho, coordenador do núcleo de gestão ambiental do Centro, além de trabalhar a questão do cultivo e da alimentação à base de frutas e hortaliças, o projeto também promove um aprendizado multidisciplinar. "Eles precisam medir a área de ocupação da horta, assim como a profundidade e a largura do local plantado. Também é feito o cálculo, de acordo com as dimensões do canteiro, de quantos pés de alface cabem naquele local, por exemplo." As crianças que participam do projeto Horta Escolar também fazem pesquisas e produzem redações sobre o tema, aprendendo a usar a linguagem para melhor se expressarem. Para Carlos Augusto Filho, a importância do projeto vai além da melhoria de qualidade da alimentação das crianças. "Também procuramos demonstrar que é possível desenvolver uma horta em pequenos locais, como um caixote ou uma caixa plástica."

### PARA TODAS AS ESCOLAS

Ao contrário do que é comum pensar, o pátio não precisa ser muito grande, mas deve ser organizado para evitar aglomeração de crianças. "Esse ajuntamento pode torná-las agressivas, gerar conflitos na disputa por espaços e, dessa forma, dificultar a socialização", adverte a psicóloga Odara de Sá. Ela recomenda, ainda, que as escolas estruturem o ambiente de forma que ele possibilite o desenvolvimento de várias atividades. "Um pátio que tem solos diferentes, por exemplo, permite diversos tipos de brincadeira."

A psicóloga também ressalta que é preciso consentir que as crianças participem do processo de constituição desses espaços, já que são elas os seus principais usuários. "Os alunos podem oferecer sugestões e indicações para a distribuição de mobiliário e objetos, por exemplo. "Mesmo para a falta de espaço, existem opções. "Uma saída é a utilização frequente de áreas públicas da cidade que tenham essas características, como praças e parques", sugere a professora Aline Tschoke.



# Quadro a quadro

As histórias em quadrinhos já são utilizadas nas salas de aula, mas seu uso ainda é limitado  
(JULIANA AFONSO)

Super-heróis, animais, objetos, pessoas comuns. Tudo pode virar personagem de História em Quadrinhos (HQ), uma forma de arte que mistura desenho e narrativa. As HQs costumam favorecer o contato prazeroso das crianças com a literatura e já são utilizadas como material pedagógico nas escolas. De acordo com o professor Flávio Calazans, doutor em ciências da comunicação pela Universidade de São Paulo (USP), o Brasil foi o primeiro país do mundo a incluir histórias em quadrinhos nos livros didáticos. "Foi nos anos 1970, com os livros de geografia do professor e escritor Julierme de Abreu e Castro. Sempre havia fragmentos ou páginas inteiras de HQ". Mais tarde, em 1997, a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) do Ministério da Educação (MEC) reconheceu o emprego de HQs nos livros didáticos de 1ª a 4ª séries do ensino fundamental.

Mas, mesmo presente nas atividades escolares, as HQs não costumam ser usadas pelos professores como um material de leitura literária e, ainda hoje, são vistas por muitos com preconceitos. Um dos problemas para o uso dos quadrinhos como fonte de leitura em sala de aula é a resistência por parte dos professores. "Durante sua formação profissional, eles foram orientados de uma forma conservadora e poucos sabem como empregar as HQs em classe", opina o coordenador do Núcleo de Pesquisa de Histórias em Quadrinhos da USP, Waldomiro Vergueiro. Ele defende que não é necessário trocar um gênero por outro: "É importante ler Machado de Assis e também ler quadrinhos. A vantagem é que você está ampliando a diversidade de leituras do aluno". Mais um ponto positivo do uso das HQs como literatura é que elas podem despertar nas crianças a vontade de ler também outros tipos de textos.

## Perseguição aos quadrinhos

Segundo Flávio Calazans, autor do livro História em quadrinhos na escola, a resistência ao uso escolar dos quadrinhos começou nos anos 1950, com o lançamento da obra *Sedução dos Inocentes*, do psicólogo Frederic Wertham, que trabalhava em uma instituição de detenção de crianças e adolescentes infratores. Em um estudo sobre esses internos, ele descobriu que todos liam HQs. O psicólogo concluiu que os quadrinhos levavam esses meninos a se tornarem criminosos e, muitas vezes, homossexuais. "Na verdade ele generalizou. Sua amostragem era de crianças e adolescentes infratores, mas ele nunca analisou as centenas de milhares de crianças que liam os mesmos gibis e nunca roubaram ou destruíram propriedades públicas", avalia o professor.

Depois desse estudo, foi imposto, nos Estados Unidos, um Código de Ética dos Quadrinhos para classificação dos conteúdos. No Brasil também houve uma campanha contra as HQs entre as décadas de 1950 e 1960, mas de forma menos intensa.

## »» Aposta certa

Confiando no potencial literário dos quadrinhos, o professor Marcelo Campos escolheu as HQs para estimular a leitura entre os alunos da Escola Municipal de Educação Infantil Sonho de Criança, em Pompéia (SP). "Nós constatamos que 70% dos alunos não vivenciavam situações de leitura. Nossa primeira atitude, então, foi ver que estilo literário podia interessar às crianças". A escolha pelas HQs foi fácil. "Elas seduzem todas as gerações, filhos, pais e avós", conta.

Entretanto, Marcelo Campos lembra que, antes de partir para a leitura, é preciso trabalhar as peculiaridades das HQs com as crianças. "No princípio, os alunos não entendiam as histórias, então explicamos como se estrutura uma HQ. Desenvolvemos várias atividades: análise de balões, de onomatopeias, de expressões, e diversificamos as formas de ler: leitura individual, coletiva, rodas de leitura com os pais." O projeto com quadrinhos durou cerca de um ano e rendeu uma gibiteca.

O professor acredita que os educadores ainda têm uma visão da leitura como algo que precisa ser imposto ao aluno. "E os quadrinhos você não tem que impor, porque eles já interessam às crianças." Para ele, os docentes podiam pensar nas HQs como uma porta de entrada para o hábito da leitura e só depois como um material didático. Foi assim que os quadrinhos funcionaram para seus alunos: "os pais contam que, após o trabalho desenvolvido na escola, os filhos passaram a ler mais, inclusive outros gêneros literários".



### PARA TODOS OS GOSTOS

Nos Estados Unidos, são *comics*. Na França, *bande dessinée*. Na Espanha, *bandas desenhadas*. Na Itália, *fumetti*. No Japão, *mangás*. No Brasil, gibis. Há quadrinhos em diferentes formatos e para todo tipo de público.

**Tirinhas** - Formato criado nos EUA para ser veiculado diariamente em jornais. Composta de dois ou três quadrinhos. Apresentam, muitas vezes, piadas relacionadas a um contexto social específico. Exemplo: *Mafalda*, do cartunista Quino.

**HQs infantis** - Voltadas para as crianças. Exemplos: *Turma da Mônica* de Maurício de Sousa e toda a linha *Disney* (que contempla histórias do Tio Patinhas, Mickey etc.).

**HQs de super-heróis** - Apresenta um super-herói como personagem principal. É uma

produção massiva em que a personagem se renova com o tempo, podendo durar várias décadas. O mais antigo é o Super-Homem, criado em 1938.

**Mangás** - Termo usado para designar HQs japonesas. É programada para ter um número de edições definido. Muitas delas deram origem a desenhos animados ou filmes, como *Dragon Ball Z* e *Sakura Card Captors*, ambos da editora Shueisha.

**Graphic Novel** - Romance gráfico. São livros que contam uma história em arte sequencial (outra expressão que designa quadrinhos). Aproxima-se muito do livro literário. A história costuma ser contada em um ou dois volumes. Exemplo: *Um Contato com Deus* e *Outras Histórias de Cortiça*, de Will Eisner, e *Palestina*, de Joe Sacco.



# “É preciso ampliar o repertório”

O universo de produtos culturais para crianças está mais amplo do que nunca. Vídeos, filmes, músicas, literatura, fotos... Meninos e meninas têm acesso a tudo, de forma rápida e ágil. Entretanto, pais e professores se preocupam com a qualidade do que é consumido por seus filhos e alunos. A pesquisadora Rosa Maria Bueno Fischer acredita que existem produtos culturais muito ruins por aí. "Mas há coisas boas também, inclusive na TV e na internet. Precisamos é procurar." Professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande

do Sul (UFRGS), Rosa Maria Bueno Fischer é especialista em produção cultural para crianças. Nesta entrevista, ela discute a diminuição do período da infância, a qualidade dos produtos culturais infantis e como esses materiais podem ser utilizados em sala de aula. E afirma: mais importante do que proibir o consumo é apresentar novos produtos. "Os professores e pais devem fazer um trabalho de oferta ao ponto de as crianças se interessarem por conta própria por produções culturais de qualidade." (JULIANA AFONSO)

## Que mudanças podem ser destacadas nas produções culturais de hoje em relação às do passado?

Acho que, nos últimos 10 anos, houve uma produção diferenciada. Tenho observado uma tentativa cada vez maior de trazer temas relacionados à realidade. Na última adaptação para a televisão do *Sítio do Picapau Amarelo*, por exemplo, as crianças usavam computadores. Há também uma tentativa de trazer temas mais densos, como separação dos pais, drogas, violência, morte. Mas os produtores culturais e criadores têm dificuldades em lidar com esse novo universo infantil. Alguns autores conseguem trabalhar isso bem, outros procuram ser politicamente corretos e isso tem atrapalhado muito a produção cultural. Se analisarmos no geral, há uma preocupação quase didática de dar alguma lição de moral, principalmente, na literatura. A gente vê isso até nos livros do Ziraldo, com a *Turma do Pererê* falando sobre drogas. Em outras épocas, não havia tanta preocupação em ficar julgando os personagens, em ver se o príncipe vai abandonar ou não a princesa. Eles deixavam a própria criança elaborar.

## A que se devem essas mudanças?

Isso faz parte de uma tentativa de estar imerso nas tendências atuais. As crianças não são mais tão ingênuas. Elas querem coisas mais ágeis e mais ligadas ao que vivem. Veja só como não há definição de fronteiras, como os desenhos misturam vários mundos, Idade Média com alta tecnologia. Essas coisas são bem próprias da nossa época.

Outra característica do nosso tempo é ser politicamente correto. As pessoas ligadas à arte, inclusive, reclamam disso, pois querem mais liberdade. O objetivo político está indo na frente da arte e da criação estética. Aí, o livro fica completamente moralista, didatizante e não é mais arte.

## Isso é um problema?

Eu sou absolutamente contra a violência destruidora do outro. Mas também sou contra esse politicamente correto total. Com isso, estamos formando "crianças fakes", pois elas leem uma coisa, mas sabem que não é daquele jeito. Inclusive, para a maior parte das pessoas, principalmente nas camadas mais pobres, a violência está presente todos os dias. Aquilo que está nos desenhos é quase nada em relação ao que elas vivem.

*“Em outras épocas, não havia tanta preocupação em ficar julgando os personagens, em ver se o príncipe vai abandonar ou não a princesa. Eles deixavam a própria criança elaborar.”*

## Abolir a violência das produções infantis, portanto, não é aconselhável?

Não dá para pensar que é bom que a criança assista violência nos desenhos porque aí estaria preparada para enfrentar a realidade. O que é bom ver é a complexidade humana, esse lado obscuro e agressivo de nós mesmos. Defendo os tipos de ficção em que a violência não é gratuita, como os contos de fada. Eles se inserem dentro de uma lógica imaginária e ficcional que ajuda a criança a elaborar a si mesma, internamente. A obra de arte trata isso de uma forma que amplia nossos sentidos.

Em quadros como *O grito*, de Edvard Munch, ou *Guernica*, de Picasso, dor e violência são mostradas com uma beleza tão grande em termos estéticos que você passa a pensar criticamente sobre aquilo. Pensamos na dor da violência, na possibilidade de mudança de nós mesmos. Não podemos ter medo desses assuntos, temos que ser criativos. Se você faz isso de uma forma bem elaborada, a criança vai olhar além da violência, vai pensar outras coisas sobre aquilo. Já a violência gratuita numa narrativa malfeita, como alguns desenhos animados japoneses ou aqueles filmes com o Arnold Schwarzenegger, é bom que ela nem veja.

### Qual o papel das produções culturais infantis no modo de ser da criança?

É muito variado. Você pode constituir a criança como um ser obediente, cheio de regras, que sempre tem que ser instigado para dar uma resposta. Ou pode ampliar a visão de mundo dessa criança, a visão de si mesma e o seu desejo de criar e descobrir cada vez mais. Vai depender realmente dos produtos com os quais ela interage e de todo o trabalho de mediação do professor, que não é um trabalho de apontar o que deve e o que não deve ser feito, mas sim de explicar ao máximo as criações, para a criança se dar conta de algumas coisas que ela nem teria percebido. Às vezes, você faz um trabalho de tal forma que a própria criança te surpreende achando coisas que nem você tinha visto.

### O período da infância parece acabar cada vez mais cedo. Em que isso afeta a produção cultural para esse público?

Antigamente, a criança nascia e crescia entre os adultos. A infância é uma invenção e, quando passa a existir, há toda uma produção voltada para ela e uma separação entre o mundo adulto e o mundo infantil. Hoje, a criança se torna adolescente cada vez mais cedo, um guri de oito anos já se diz pré-adolescente. As meninas estão usando maquiagem e se fazendo sensuais o mais cedo possível, parece que as crianças querem chegar mais rápido à adolescência. Isso é reflexo de nossa sociedade. As pessoas parecem querer ficar no grande lugar idealizado e maravilhoso que é a juventude. Os adultos não querem ficar velhos. Talvez não estejamos sabendo viver cada etapa de forma saudável. Eu não estou defendendo uma infância idílica, toda boazinha, aquela coisa idealizada, mas eu acho que está faltando – e bastante – espaço para criar e para brincar. Mas isso não quer dizer contar historinha ingênua, porque as crianças não são bobas.

### Como equilibrar conteúdos adultos e infantis em produções para crianças?

A infantilização ocorre quando as pessoas são tratadas no diminutivo. E não é por aí que a TV vai ajudar a trazer de volta o mundo infantil. Criança não gosta disso. Ela vai dizer: "que idiota!" (risos). Quando a gente vê uma criança pequena, nos emocionamos porque, para ela, tudo é extremamente maravilhoso, tudo é descoberta. É esse sentimento que eu acho que a gente não pode perder nunca. O produtor cultural que conseguir mergulhar na sua mais autêntica infância, nesse sentido de liberdade para dizer as coisas, uma curiosidade no olhar, o desejo de descobrir o mundo, vai acertar. O livro da Ana Maria Machado *Mãe com medo de lagartixa* consegue isso. Ele permite às crianças o acesso a um lado adulto que é, de certa forma, infantil. Ele mostra que o medo pode existir também para o adulto.



Fotos: acervo pessoal

ROSAMARIA BUENO FISCHER - Para a pesquisadora da UFRGS é preciso ampliar o repertório cultural das crianças e dos professores.

**Muitas crianças preferem produtos com conteúdos adultos, como as novelas. Como lidar com isso?**

A curiosidade da criança sobre o mundo adulto é normal. E como aquilo está disponível em todas as casas, o repertório dela passa a ser de conteúdos adultos. Mas não adianta apenas dizer "desligue a TV, é proibido". Temos que modificar isso pela educação, pelo trabalho de oferta, ao ponto de as crianças se interessarem por outros objetos culturais sem deixarem de ver TV, que tem muita coisa boa também. Quando a gente começa a mostrar outras coisas, as crianças gostam. Elas vão aprendendo a ter outro olhar.

**Isso quer dizer que crianças aprendem a gostar?**

Eu acho que sim. Mas não considero a criança um ser bruto. Ela já tem uma história, uma cultura, um modo de viver que ela vem aprendendo desde que nasceu. Mas ela precisa ter acesso a mais coisas, além do que a TV oferece. Vários professores me perguntam: "Como vou levar outras músicas se meus alunos só querem ouvir funk?" Você pode trabalhar com o funk um dia e levar Vivaldi, Bach, Chico Buarque em outro. Se você apresenta uma série de músicas ou programas de qualidade, no sentido de linguagem e de conteúdo, eles gostam. Por isso, eu falo que o grande barato mesmo é a ampliação do repertório das crianças. E dos professores também.

**Mas os pais devem proibir algo quando julgarem ser o melhor a fazer?**

Os pais podem ter autoridade, sim, de dizer "isso eu não quero que vocês vejam". Cada pai vai saber o jeito de fazer isso. Mas eu acho que o problema é que, em nossa época, está cada vez mais difícil a criança ter referência. Ela não sabe o que seus pais gostariam que ela visse. Um pai pode dizer: "isso é bom, isso não". Ou "esse desenho não é pra você ver". Não tem problema nenhum. E é ainda melhor quando eles dizem: "isso aqui eu não gosto". Mesmo que a criança vá ver depois, escondida que seja. É muitíssimo importante que a criança saiba que o pai não tem medo de dizer o que pensa. O importante é a referência, e não ter medo de dizer "não" à criança.

**Embora muito criticados, os produtos culturais chamados comerciais são consumidos como nunca. Por que é tão difícil encontrar uma produção cultural que fuja desses padrões e que agrade as crianças?**

Não há tantos produtos de boa qualidade disponíveis. É muito mais fácil e barato fazer uma coisa mais ou menos igual. Você coloca outro nome, outro personagem e consegue ter muito lucro sem gastar com criadores. É uma produção industrial e não artística. Há muitos canais de TV passando esses programas várias horas por dia. Esse é um dos fatores: a criança aprende a gostar e quanto mais ela gosta, mais ela vê. Outro fator é que esses programas têm alguns elementos nas narrativas que atraem a criança pelo que ela gosta, como a transformação das personagens. Desde o *He-Man* até os *Power Rangers*, todos eles têm elementos do mundo infantil muito bem sacados e, obviamente, por isso, fazem muito sucesso. Mas eles perdem muito em termos de qualidade estética, de educação artística e também de pensar universos mais abertos e criativos. A oferta de produtos de boa qualidade é pequena, então, o professor precisa pesquisar. Eu tenho procurado no *Youtube* [site que disponibiliza vídeos gratuitamente na internet] desenhos animados de outros países, que trazem outra estética. E as crianças gostam. Aí é que está: se você não oferece, elas não sabem que existe e, aí, não sabem que é bom.

**É aconselhável trabalhar com esses produtos culturais em sala de aula? Como isso pode ser feito?**

O interessante é ampliar a oferta de produtos aos quais as crianças não têm acesso. Mesmo na TV ou na internet, podemos encontrar várias coisas, fazer uma seleção e comparar, com os alunos, a linguagem de programas, de músicas, de jogos. Levar aquilo a que as crianças não têm acesso é desafiador e nos ajuda a ser mais abertos. Até mesmo um anúncio publicitário diz muito de nossa cultura. Trabalhar com esses materiais vale a pena, são atividades criativas com as quais os alunos aprendem a fazer uma espécie de crítica cultural desde cedo. Assim, a criança não vai ver só por ver, mas também pensar sobre o que está vendo. Mas o professor tem que fazer uma seleção criteriosa desses produtos antes de levá-los para a escola.

*“Não adianta apenas dizer ‘desligue a TV’. Temos que modificar isso pela educação, ao ponto de as crianças se interessarem, por conta própria, pelos produtos culturais de qualidade.”*

## TDAH

**A família e a criança/adolescente com TDAH: relacionamento intrafamiliar e social** – Vânia Lúcia de Moraes Ribeiro, 2008. Dissertação de mestrado da autora, psicóloga, que, em sua pesquisa, acompanhou 18 famílias responsáveis por crianças e adolescentes portadoras de TDAH. O estudo apresenta uma análise das relações sócio-afetivas dessas famílias que lidam diariamente com o transtorno. O trabalho está disponível, em PDF, na Biblioteca Digital da UFMG. Para acessar o material, basta inserir o nome completo da autora na seção de busca do *site*.

**Site:** [www.bibliotecadigital.ufmg.br](http://www.bibliotecadigital.ufmg.br)

**www.tdah.org.br** – Site oficial da Associação Brasileira do Déficit de Atenção. A página apresenta informações detalhadas sobre o TDAH, os sintomas e formas de tratamento. O *site* disponibiliza, também, uma lista de médicos e psicólogos associados à ABDA, especialistas no tratamento do transtorno, além da divulgação de eventos relacionados ao tema.

## Pátio escolar

**Crianças no pátio escolar: a utilização dos espaços e o comportamento infantil no recreio** – Odara de Sá Fernandes, 2006. Dissertação de mestrado da autora. Partindo do pressuposto de que a escola é um local fundamental para o desenvolvimento infantil, a pesquisadora investigou as diferentes áreas do pátio do Núcleo de Educação Infantil, em Natal (RN), analisando as diferentes formas como o espaço era utilizado pelas crianças. O material está disponível, em PDF, no site da Universia e, para acessá-lo, basta inserir o nome completo da autora na seção de busca do portal.

**Site:** [biblioteca.universia.net](http://biblioteca.universia.net)

## Quadrinhos

**Universohq.com** – O *site* é um dos mais completos sobre o tema. Além de trazer notícias diárias sobre o mundo dos quadrinhos, a página eletrônica apresenta uma série de reportagens, colunas e entrevistas com especialistas da área (criadores, ilustradores, cartunistas etc.). Na seção Checklist, o internauta pode conferir, mensalmente, os lançamentos das principais editoras do país, como a L&PM, Abril e Globo, além de quadrinhos independentes. A seção Reviews é destinada a resenhas e análises de diversas HQs.

**História em quadrinhos na escola** – Flávio Calazans. Ed. Paulus, 2004. Este livro conta a trajetória das histórias em quadrinhos até serem consideradas um objeto cultural e educativo. O autor, pesquisador, discute temas como a importância dos quadrinhos no processo educativo e as possibilidades de usá-los de forma didática.

**Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula** – Waldomiro Vergueiro (Org.). Contexto, 2004. O livro apresenta textos de cinco autores que defendem o fim do preconceito em relação às histórias em quadrinhos, principalmente quando elas são levadas para a sala de aula. Já na abertura, há um guia sobre a linguagem das HQs para que o professor se familiarize com esse estilo de narrativa. Além do estímulo à leitura de quadrinhos, a obra traz orientações didáticas sobre como utilizar os gibis em aulas de português, geografia e artes, e sugestões de atividades para serem trabalhadas com os estudantes.

## Em destaque

**Avaliação escolar: mitos e realidades** – Michel Barlow. Editora Artmed, 2006. O livro analisa, de maneira bem humorada, questões relacionadas à avaliação na escola. O autor procura compreender as práticas efetivas de avaliação e suas consequências. Defende, ainda, que a avaliação escolar pode reproduzir, de maneira inconsciente, os hábitos judiciais.

**Site:** <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/noveanorienger.pdf>

**Relação entre desenvolvimento e aprendizagem: consequências na sala de aula** – Maria de Fátima Cardoso Gomes. Presença Pedagógica, v.8, n.45, mai./jun. 2002. Esse artigo discute, de maneira abrangente, a avaliação escolar. A autora considera, em sua análise, as diversas abordagens do assunto, inclusive sob o ponto de vista psicológico.

**Avaliação do rendimento escolar** – Clarilza de Souza. Editora Papirus, 2005. A obra apresenta a ideia de que avaliar não é medir a competência do aluno, já que vários aspectos do desempenho geral dos estudantes podem ser desconsiderados nesse processo. Defende a necessidade de ampliar e redefinir a visão de avaliação.

**http://www.dzai.com.br/jairobarros/blog/notasdeterapia** – Blog do psicólogo Jairo Stacanelli. Ele discute temas de interesse de educadores, pais e alunos. Os textos apresentam uma linguagem fácil e contemporânea e abordam questões como: drogas, avaliação e estresse.

## Produção cultural para crianças

**Alguns medos e seus segredos** – Ana Maria Machado. Nova Fronteira, 1984. O livro da ganhadora do Prêmio Hans Christian Andersen (2001), considerado o Nobel da literatura infanto-juvenil, reúne três histórias: *Mãe com medo de lagartixa*, *Com licença, seu bicho-papão* e *O lobo mau e o valente caçador*. As histórias expõem os anseios, medos e segredos de cada um de nós e mostram que, no fundo, somos todos um pouco parecidos. Com uma linguagem simples e sutil, o livro é uma forma de tratar – e desmistificar – o medo.

**Televisão & Educação – Fruir e pensar a TV**. Rosa Maria Bueno Fischer. Autêntica, 2001. O livro da pesquisadora e professora da UFRGS analisa a relação entre educação e TV. Ela procura mostrar como os produtos televisivos são compreendidos e recebidos pelas pessoas e qual a influência dessa mídia na sociedade. De forma bastante didática, aponta como utilizar a TV em sala de aula e promover o pensamento crítico das crianças sobre sua programação. A professora ainda sugere outros materiais (programas, livros, sites etc.) que podem ajudar na reflexão sobre essa mídia.

# Uma professora a procura de soluções

Disposição para ensinar e aprender marca trajetória de educadora gaúcha (JULIANO FERREIRA)

Há pessoas que se identificam e se dedicam tanto à sua profissão, que costumam ouvir que "nasceram para aquilo". Esse é o caso de Neusa Fraga Pithan, professora que, durante 31 anos, deu aulas para crianças do ensino fundamental até se aposentar, ano passado, segundo ela, sem uma falta sequer no currículo. Sua disposição para mostrar às pessoas a importância da educação é tão grande que conseguiu convencer até o marido, gerente de lojas, a se tornar professor.

Nascida em Passo Fundo (RS) e neta de alemães, ela conta que o gosto pela leitura e pela escrita veio desde cedo, por influência da família. "Meu avô assinava o jornal da cidade onde morava na Alemanha, e logo que veio para o Brasil começou a assinar um periódico do Rio Grande do Sul. Eu tenho um histórico familiar que sempre me influenciou muito na parte de leitura." Neusa se lembra com saudade que, logo que cresceu um pouco, se tornou sócia da biblioteca da cidade. "Adorava as histórias do Érico Veríssimo", diz.

Além do hábito de "devorar" livros e jornais, outro fato contribuiu para a opção de Neusa pelo magistério. Nos anos 1960, o governo do RS implantou um programa de multiplicação de escolas rurais pelo interior gaúcho. Como as professoras não tinham possibilidade de se deslocar todos os dias da cidade para o campo, precisavam ficar hospedadas nas casas dos moradores da região. Uma delas foi morar com a família de Neusa. "A professora estava sempre próxima, nos ajudando, nos colocando em contato com a alfabetização", conta.

A carreira profissional dessa gaúcha começou quando ela tinha apenas 18 anos, na mesma escola pública onde estudava. Assim que completou o 5º ano do antigo programa de admissão (que hoje equivaleria ao 9º ano do ensino fundamental), começou a trabalhar. Ela conta que dava aulas para alunos do 1º ao 4º ano, agrupados numa mesma sala. "Eu alfabetizava todos no mesmo local. Por isso, eles iam passando de série, mas continuavam juntos na mesma classe."

## Do Sul para o Centro-Oeste

Em janeiro de 1981, após quatro anos como professora em Passo Fundo, Neusa mudou-se para Campo Grande (MS). Lá, continuou a alfabetizar crianças e participou ativamente da implantação da educação infantil no Estado. "No começo era mais como uma creche dentro da escola, onde nós apenas cuidávamos das crianças. Não éramos professoras e sim babás." A educadora conta que chegou a dar aula para até 43 crianças numa mesma sala. "Com tantos alunos e tão poucos recursos, nenhum trabalho de alfabetização era possível."

Após várias reuniões e grupos de estudo com a direção da escola e a Secretaria Municipal de Educação de Campo Grande, Neusa e as outras professoras conseguiram que o número de alunos por sala fosse reduzido e iniciaram, assim, um verdadeiro trabalho de alfabetização. No entanto, mesmo utilizando toda a metodologia clássica, ela percebeu que os resultados não eram satisfatórios. "Eu fui tradicional por muito tempo, porque eu fui alfabetizada deste modo. Mas os métodos padrões, como o da Abelhinha e o do ba-be-bi-bo-bu, não estavam funcionando."



Foto: acervo pessoal

## Alternativas de ensino

Tais dificuldades levaram a professora a buscar, além de outros métodos de ensino para seus alunos, uma melhor capacitação profissional para ela mesma. Primeiro, fez um supletivo e concluiu o curso de magistério para o ensino médio. Em seguida, em 1991, prestou vestibular para o curso de pedagogia na Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS) e foi aprovada. Na universidade, a professora conheceu as teorias do psicólogo suíço Jean Piaget, especializado em comportamento infantil, e mudou sua forma de ensinar. "Eu usei o raciocínio dos jogos matemáticos de Piaget, mas acrescentei as letras. Assim, ao mesmo tempo em que as crianças trabalhavam a parte numérica (do raciocínio lógico), elas exercitavam também a parte de produção e criação de escrita", explica.

Dois anos após se graduar em pedagogia, a alfabetizadora ingressou num curso de pós-graduação, também na UFMS. Nesta época, ela foi apresentada às ideias de outro psicólogo, o bielo-russo Lev Vygotsky. Suas teorias baseavam-se na interpretação dos desenhos das crianças como um estágio preliminar ao desenvolvimento da linguagem escrita. "No início, os alunos fazem, na aula, desenhos que representam a figura humana na forma de 'palitos', e têm uma escrita mais simples. Quando eles começam a detalhar as pessoas desenhadas, a escrita também melhora, com palavras maiores, frases mais bem elaboradas", explica a professora.

A educadora afirma que, no desempenho das suas funções, sempre tentou fugir do lugar comum, buscando novos métodos de aprendizagem por sempre considerar a alfabetização como algo do interesse da criança. "A maneira de alfabetizar não pode fugir muito do brincar, do desenhar, do divertimento. Ela deve ter uma fixação que vem através do prazer, do envolvimento, dos estímulos que o professor dá", conclui Neusa.

➡ Durante os 31 anos em que atuou como professora, Neusa Pithan sempre procurou se aprimorar profissionalmente.